

RECONSTRUÇÃO PARÓDICA E DESAUTOMATIZAÇÃO NO CONTO “A NOITE DA PAIXÃO”, DE DALTON TREVISAN

Olinda Cristina Martins Aleixo¹



Resumo: Este trabalho tem como objetivo analisar a forma como o escritor curitibano Dalton Trevisan realiza a reconstrução paródica do episódio da Paixão de Cristo no conto “A noite da Paixão”, por meio de procedimentos literários irônicos, que promovem a desautomatização e a problematização da narrativa oficial, provocando a releitura crítica do discurso religioso.

Palavras-chave: Dalton Trevisan; reconstrução paródica; releitura; desautomatização; discurso religioso.

Abstract: The objective of this paper is to analyse how the author Dalton Trevisan carries out the parodic reconstruction of the episode of Christ’s Passion in his short story “A noite da Paixão”. By means of ironic literary procedures which promote the disautomation and the problematization of the original narrative he evokes a critical re-reading of the religious speech.

Keywords: Dalton Trevisan; parodic reconstruction; re-reading; disautomation; religious speech.

Intrínsecos à formação ética do homem e à consciência de sua relação com o mundo, os temas religiosos sempre despertaram, ao mesmo tempo, polêmica e interesse entre os diversos autores e estudiosos da literatura. Esse processo se faz perceber mais agudamente durante a Idade Média, época marcada pelo signo do teocentrismo e que proporcionou um forte impulso para o surgimento de obras sacras em todos os ramos da produção artística, principalmente nas artes plásticas, manifestação resgatada, posteriormente, no período Barroco.

Percebe-se, contudo, que, a partir da segunda metade do século XX, a literatura pós-moderna recupera os temas religiosos com um novo tratamento, não mais endossando o relato oficial dos fatos, mas promovendo a releitura, a desautomatização e a problematização de temas e discursos ligados aos universos da religião. Tal procedimento busca reavaliar os mecanismos miméticos da ficção, bem como questionar a pretensa fidelidade dos relatos oficiais de acontecimentos religiosos, de modo que a narrativa assuma um caráter metaficcional (cf. HUTCHEON, 1991), em que seus processos constitutivos desvendarão os mecanismos por meio dos quais as narrativas se apropriam dos discursos ficcional e oficial e os conjugam.

Ao contrário de algumas obras que, no ato de sua constituição, realizam o aproveitamento dos elementos religiosos de forma muito próxima ao que se apresenta nos relatos oficialmente conhecidos, sem a intenção de questioná-los, obras como as

de Dalton Trevisan evidenciam uma preocupação em se estabelecer releituras da religião em toda sua complexidade de preceitos, dogmas e narrativas. Percebe-se, na verdade, não apenas o interesse desse autor em reler, mas principalmente em desarticular e, posteriormente, “recontar” os episódios religiosos, promovendo o questionamento e a problematização. Isso quer dizer que as obras de Dalton tendem a apresentar não somente uma releitura crítica dos fatos, mas também “versões” particulares de certos acontecimentos, subvertendo alguns princípios ou circunstâncias convencionalmente aceitos, o que caracteriza um processo de desautomatização da versão oficial.

Pode-se dizer, portanto, que os contos de Dalton Trevisan, apoiados no procedimento da ironia, apropriam-se de referências bíblicas, ocupando-se não apenas em deslocá-las de seu contexto próprio para inseri-las em um contexto paródico, mas também em recontá-las ou subvertê-las, evidenciando o diálogo que se estabelece entre o discurso profano do texto e o discurso religioso das citações bíblicas, o que, em última instância, revela um viés crítico dos contos. Além disso, as personagens, que formam um retrato das camadas desprestigiadas da sociedade brasileira, são criticadas ironicamente por meio de seus valores morais, notoriamente a religião e as instituições legitimadas pela tradição religiosa, em especial, o casamento. A religião aparece, portanto, como algo sempre presente, mas que não norteia as atitudes das personagens, apenas mantém as aparências ou cria um estado de paranóia.



Essa observação se torna clara a partir da análise do conto *A noite da Paixão* (1999, p. 19-27) em que o autor cria uma paródia da Paixão de Jesus Cristo (condenação e morte na cruz), tendo como protagonista Nelsinho, personagem amoral que protagoniza outros contos do autor.

O conto de Dalton promove a dessacralização da linguagem bíblica por meio de sua apropriação e subversão. Ao apropriar-se da linguagem utilizada nos relatos religiosos, o autor a desloca para o contexto profano da narrativa, inserindo-a no processo de constituição de discursos e circunstâncias que em nada condizem com o universo criado pela narrativa bíblica. Dessa forma, o conto apresenta uma total desautomatização da linguagem sacra que serve, no contexto ficcional no qual foi inserida, para legitimar situações mundanas e de degradação, para caracterizar personagens e discursos profanos, bem como para questionar a própria validade dos preceitos religiosos que são postulados no texto original da Bíblia.

O processo de apropriação e subversão se dá não apenas no que diz respeito à linguagem, mas aos próprios episódios apresentados, que também se encontram subvertidos e parodiados ao serem encenados por personagens de baixa moralidade e ética. Além disso, o propósito dos fatos e seu desfecho são absolutamente contrários aos propósitos elevados que figuram nas narrativas bíblicas, o que também reforça o caráter de desautomatização gerado pela narrativa. O trecho que se segue é um exemplo de como se processa a dessacralização da linguagem bíblica e do episódio do sacrifício de Cristo, por meio da narração do envolvimento sexual entre Nelsinho e uma prostituta de aspecto repulsivo:

Apoderou-se da mão, dava-lhe mordida ligeira. Nelsinho sofria o oco dos dentes. Implacável, ela insistia no encaço da boca. Aos poucos abateu-lhe a resistência – Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?
Em cheio a ventosa obscena, ó esponja imunda de vinagre e fel – Está consumado. (p. 26).

Nesse trecho, pode-se perceber como há um processo de intenso entrelaçamento de vários discursos, por meio do qual o discurso de Nelsinho funde-se às frases utilizadas por Cristo no momento da crucificação, como “Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?” (Evangelho de Mateus, capítulo 27, versículo 46) e “Está consumado” (Evangelho de João, capítulo 19, versículo 30),

bem como o discurso do narrador encontra-se impregnado pelo discurso bíblico, como em “ó esponja imunda de vinagre e fel” (cf. Salmo 69, versículo 22 e Evangelho de João, capítulo 19, versículos 28 e 29).

Além da apropriação dos discursos, há ainda o deslocamento do episódio do sacrifício de Cristo que, segundo a tradição cristã, determina o momento mais elevado e sublime do processo de redenção, para o “sacrifício” de Nelsinho em sua relação aflitiva com uma prostituta de aspecto desagradável. Esse deslocamento, não apenas do episódio, como também da linguagem que é utilizada para relatá-lo, tende a subverter os princípios e dogmas contidos no texto religioso e por ele transmitidos como exemplo e ensinamento moral e ético.

O processo de desautomatização e dessacralização se completa pela alternância entre o discurso grotesco do texto ficcional, marcado por uma linguagem seca e carente de elementos de coesão (“dava-lhe mordida ligeira”, “Em cheio a ventosa obscena”), e o discurso elaborado que parodia a linguagem bíblica (“ó esponja imunda de vinagre e fel”).

Vale ressaltar que *Noite da Paixão* não se limita a uma paródia do episódio cristão da Paixão de Jesus. Ela se constitui de elementos que criam um estatuto de complexidade, levando à problematização da subjetividade narrativa e culminando em sua total desarticulação e desautomatização. Esses aspectos podem ser observados a partir do processo discursivo, de caráter fortemente ambíguo, em que se confundem os discursos do narrador, de Nelsinho e do próprio Cristo. Esse aspecto de profusão e entrelaçamento de discursos eclode em uma mistura da linguagem bíblica, complexa e erudita, à linguagem profana e fragmentada do narrador e de Nelsinho, criando um paralelismo ambíguo e irônico entre o famoso episódio bíblico e a aventura mundana da personagem. Este paralelismo é ancorado, ainda, no jogo semântico que se estabelece com a palavra *paixão*, utilizada, no conto, para significar tanto o sacrifício de Jesus quanto o envolvimento físico das personagens.

Um outro ponto que se deve notar é que, no conto, a ironia e a ambigüidade instauram-se não apenas por meio da paródia e do entrelaçamento de discursos, mas já a partir do título, anunciando o diálogo do texto ficcional com o fato bíblico, que será desautomatizado por meio de sua reencenação paródica. Contudo, os primeiros

parágrafos do conto em nada lembram palavras ecumênicas. Ao contrário, denotam um tom baixo e vulgar, qualificando pejorativamente o ser humano e suas atitudes, como pode ser visto já no primeiro parágrafo: “Nelsinho corria as ruas à caça da última fêmea. Nem uma dona em marcha vagabunda” (p. 19). Além disso, os primeiros tipos descritos no conto fazem parte da massa que vive à margem da sociedade: boêmios, homossexuais e prostitutas.

Acrescente-se a isso o fato de que o aproveitamento da linguagem bíblica se faz não apenas pela utilização de palavras cujo campo semântico é o universo religioso, com alguns dos substantivos e adjetivos utilizados para descrever as cenas (por exemplo, sacrifício, agonia, “bálsamo aromático”, “sudário viscoso”, “esponja imunda de vinagre e fel”), mas também pelo fato de que Nelsinho, muitas vezes, reproduz exatamente as mesmas palavras de Cristo (“tereí de beber, ó Senhor, deste cálice?” (p. 22), “Tome e coma: isto é o meu corpo” (p. 23), dentre outras). Neste caso, pode-se dizer que o processo vai além do entrelaçamento de discursos e da mistura de linguagens: há uma colagem do discurso religioso, tal como se apresenta no texto bíblico, na fala da personagem ficcional, aspecto que reforça o caráter de dessacralização do discurso religioso e de desautomatização do episódio bíblico.

Há, dessa forma, um processo tão intenso de desautomatização, que o episódio da Paixão de Jesus acaba por permanecer apenas como pano de fundo para o desenrolar da aventura de Nelsinho. O protagonista é, portanto, a alavanca que iniciará esse processo de desautomatização, que será reforçado pela mistura do sagrado com o profano. Para tanto, o conto principia com a ida de Nelsinho a um lugar santo, mas com um propósito mundano: ele entra na igreja à espera de que apareça alguma prostituta, como de fato ocorrerá. A descrição do clima solene no local sagrado é realizada em um tom irônico pelo narrador, que tem seu discurso entrelaçado ao de Nelsinho. Esses discursos sincretizados, do narrador e de Nelsinho, estão carregados de elementos grotescos e irreverentes, provocando o choque quando em confronto com o aspecto de gravidade da data celebrada, como pode ser exemplificado no excerto abaixo:

A igreja quase deserta, imagens cobertas de pano roxo. Sem se persignar, Nelsinho avançou pela nave, o ranger da areia debaixo do sapato. Arriado de sua cruz, ali o velho Cristo, entre

quatro círios acesos. No banco as megeras, véu preto e preta mantilha, olho à sombra da mão na testa. Uma prostrou-se no cimento, depositou beijo amoroso na chaga do pé.

Nelsinho escolheu a nota menor, deixou-a cair na bandeja. Espreitado pelas guardiãs ferozes do defunto, completou o giro, sovina de beijo. Observou a imagem pavorosa e reprimiu, não soluço de dor, engulho de náusea: Por tua culpa, Senhor, todos os bordéis fechados. Pomposa boneca de cachinho. Falas de sangue, ó Senhor, e não sangras – as viúvas nem espantavam as moscas na ferida aberta. (p. 20).

Percebe-se, então, que a narrativa executa um movimento de inserção do elemento ficcional no substrato oficial para poder, de dentro do contexto, promover o questionamento da “verdade” da tradição, desarticulando os parâmetros ideológicos do fato convencionalmente conhecido. Esse movimento pode encerrar em si uma forte potencialidade crítica, uma vez que a tradição, seja ela religiosa ou cultural, é analisada de dentro para fora, e, portanto, criticada em seus aspectos mais intrínsecos. Quando, na narrativa em questão, se confere o direito de discurso e de participação aos marginalizados, como a prostituta, por exemplo, é dado a toda uma massa de marginalizados um papel que lhes foi negado pelos relatos oficiais. Assim, na narrativa bíblica sobre a Paixão, só há espaço para os “eleitos”, sendo, além da figura de Jesus, a “grande multidão do povo que o seguia. E mulheres batiam no peito e choravam por Jesus.” (Lc 23, 27). No conto, por outro lado, o que se tem é um olhar do marginalizado, daquele que está aliado do centro.

Esse aspecto fortemente desestruturador é ancorado por procedimentos literários que dão o tom da ironia. A entrada da prostituta na igreja é o fato que dá início ao jogo de ambigüidade entre o “sacrifício” de Nelsinho e o martírio de Cristo. A presença de Nelsinho na igreja, no início do conto, causa um desconcerto na narrativa, pois revela o contraste entre a situação solene dos rituais religiosos e as considerações irônicas e profanas provenientes do entrelaçamento dos discursos do narrador e de Nelsinho acerca da circunstância apresentada. Até este ponto, a personagem era espectadora de um contexto que ela passará a protagonizar, ou seja, assim como Cristo foi o escolhido para arquitetar o episódio bíblico, também Nelsinho e a prostituta o são (“Por mais que se ignorassem, eram os escolhidos.” (p. 20).



Ironicamente, a partir desse momento, o narrador passa a chamar Nelsinho de “herói”.

Assim como Cristo, Nelsinho começa a sucumbir ao seu destino. Ao chamar a prostituta de Madalena, torna evidente que já tem consciência da situação que está prestes a enfrentar. Resignadamente, ele conversa com Deus, assim como Jesus fazia, entregando-se ao sacrifício (“Dia de malhar Judas. Porventura sou eu, Senhor?” (p. 21). A partir disso, inicia-se uma espécie de “remontagem” profana da Paixão de Cristo, na qual Nelsinho cumpre, parodicamente, os passos do calvário, a condenação e crucificação, repetindo palavras e frases utilizadas por Cristo ou por outras pessoas que participaram do episódio bíblico, como por exemplo:

Os quartos da frente reservados por meia hora.
- Meu tempo está no fim. (p. 21).

Montada nos seus joelhos, completamente vestida, os pinotes faziam estralar a cama.
- Tome e coma, isto é o meu corpo. (p. 23).

Nelsinho abriu-se em sorrisos – eis o homem!
(p. 23).

- Tem a lábia do diabo.
- Tu o disseste – e entregou-se ao sacrifício. (p. 23).

A desarticulação paródica do episódio bíblico encerra em si tanto a crítica à sociedade moralista, mas que, ao mesmo tempo, acaba por condicionar comportamentos desregrados (representada pelo comportamento profano das personagens), quanto a crítica à postura hipócrita e alienante da sociedade em relação à religião (representada pela figura das beatas). Isso permite perceber que a avaliação crítica só é possível devido a um posicionamento menos neutro por parte do narrador, que não se abstém de expressar sua subjetividade pela enunciação. Além disso, esse narrador se aproxima ou quase adere à personagem principal, realizando um processo de entrelaçamento de discursos, de modo que a narrativa seja constituída pela soma de vários pontos de vista e discursos.

Nelsinho tenta em vão esquivar-se das investidas da prostituta que o persegue, incansável. Ela o amedronta e ele cede, aos poucos, enquanto cenas vulgares são costuradas a frases bíblicas. Essas mesmas frases são utilizadas por Nelsinho que, por fim, dirige-se mais a Deus que a própria

prostituta. A paixão física dá, assim, lugar à Paixão bíblica, pois, mais que uma relação sexual, Nelsinho está participando de um ritual de sacrifício, em que ele é a vítima, o “cordeiro imolado”. A descrição do sacrifício culmina com o entrelaçamento total entre o episódio bíblico e a relação das personagens, em que o narrador utiliza as mesmas palavras que o evangelista para descrever o fim da agonia:

Aos poucos abateu-lhe a resistência – Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?
Em cheio a ventosa obscena, ó esponja imunda de vinagre e fel – Está consumado.
Um grito selvagem de triunfo, beijava-o possessa, olho aberto. Ele apertou a pálpebra, não ver a careta diabólica de gozo.
[...]
O relógio da torre anunciava o fim da agonia. Na rua deserta as badaladas terríveis rasgaram o silêncio de alto a baixo. Nelsinho suspendeu o passo, a terra fugia a seus pés:
- Sou inocente, meu Pai. (p. 26-27).

No ápice da entrega de Nelsinho ao “sacrifício”, há uma maior incidência de construções nominais (“Em cheio a ventosa obscena”, “ó esponja imunda de vinagre e fel”, “Um grito selvagem de triunfo”) ou de construções que carecem de uma maior elaboração lingüística (“beijava-o possessa, olho aberto”, “não ver a careta diabólica de gozo”), enquanto apenas as frases deslocadas do texto bíblico, tal como se apresentam nele, denotam uma melhor elaboração da linguagem (“Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?”, “Sou inocente, meu Pai”). Isso reforça o aspecto de dessacralização da linguagem bíblica que, além de estar entremeada à linguagem tosca do narrador e da personagem, ainda é utilizada no processo de legitimação da paródia profana.

Todas as circunstâncias do desenvolvimento narrativo revestem o clímax de um sentido “anticatártico”, minando as ilusões de salvação e resgate. Assim, a partir do momento em que se inicia a remontagem paródica da Paixão, a narrativa adquire um ritmo muito ágil, que culminará no momento em que, ao final de sua relação com a prostituta, Nelsinho apresenta mais frustração que satisfação e o ritmo torna-se novamente lento, como no início do conto: “O relógio da torre anunciava o fim da agonia. Na rua deserta as badaladas terríveis rasgaram o

silêncio de alto a baixo. Nelsinho suspendeu o passo, a terra fugia a seus pés: - Sou inocente, meu Pai" (p. 27).

Percebe-se, portanto, que não há redenção. Ao contrário, embora aparentemente desprovida de moralidade, a personagem, se não revela sentimento de culpa, evidencia, ao menos, arrependimento e frustração. A religião perde, portanto, seu caráter libertador para revestir-se de ironia e opressão.

Portanto, no conto *Noite da Paixão*, o diálogo paródico entre o sacrifício de Cristo e o de Nelsinho leva a um confronto entre o fato convencionalmente veiculado e uma contrapartida crítica. Há, assim, a desautomatização do relato oficial e sua posterior reescritura, de forma subvertida, com propositais lacunas, para que o leitor as preencha com sua releitura crítica.

1- Mestre em Teoria Literária, Doutoranda em Literaturas em Língua Portuguesa, docente do Curso de Letras da Faculdade Ernesto Riscali (FAER - Olímpia), área de Literatura, e Consultora de Língua Portuguesa e Literatura do Centro de Consultoria Lingüística (CCLi - São José do Rio Preto).

Aceito para publicação em 01/10/2007.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

HUTCHEON, Linda. *Poética do pós-modernismo*. Tradução de Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

TREVISAN, Dalton. Noite da paixão. In: _____. *Contos eróticos*. 5.ed. Rio de Janeiro: Record, 1999. p.19-27.

